

Apresentação de trabalhos no Ser-Tão

19 h

25 de junho de 2008, quarta-feira

Sala de aula do Museu Antropológico

Resumos

Quem sou eu: narrativas e auto-representações das travestis no orkut

Aline Soares Lima

O poder das representações de instituir e assegurar a permanência de certas versões de realidade fundamenta o olhar sobre o mundo e molda a percepção e compreensão dos indivíduos sobre o Outro. Formuladas a partir de perspectivas espetacularizantes ou marginalizantes, as aparições e representações do fenômeno da travestilidade na sociedade brasileira são pontuadas pela significativa presença de travestis, transformistas e drag queens no cinema, programas de auditório, telenovelas, teatros, entre outros. Tendo em vista que as representações dominantes e que circulam nos espaços oficiais são construídas a partir de discursos hegemônicos, torna-se importante investigar em que sentido, espaços alternativos para circulação de narrativas e representações construídas desde o ângulo do Outro - leia-se, das minorias - surgem como formas de contar outras versões de realidade e legitimar a pluralidade das identidades culturais, das sexualidades e dos gêneros. Nesse sentido, o Orkut, como um dos variados ambientes de sociabilidade virtual, se configura como um desses espaços alternativos, e as narrativas visuais e textuais publicadas pelas travestis nesse espaço se constituem enquanto auto-representações.

Quem sou eu: narrativas e auto-representações das travestis no Orkut é o tema da minha dissertação de mestrado, ainda em andamento, e que tem como proposta investigar as narrativas e representações das travestis no Orkut por meio de uma etnografia virtual que busca compreender como se constroem os seus mecanismos de auto-representação, como são engendradas suas ciberidentidades, que artifícios discursivos imagéticos e textuais utilizam, como se formulam, ou o que realmente importa em sua rede de significação para a construção da identidade e visualidade travesti.

Linguagem e sexualidade: o que acontece quando saímos do armário?

Mário Martins Neves

Na perspectiva de Austin (1976), a linguagem não serve só para dizer algo no mundo, portanto, ela serve para agir sobre ele. Dentro dessa perspectiva performativa, Austin afirma a existência de três atos simultâneos que ocorrem nas enunciações: os atos de fala. Esses atos, à sua visão, são definidos como locucionário, ilocucionário e perlocucionário; são atos que estão totalmente ligados à posição de autoridade dos respectivos usuários e usuárias que os executam. Isso nos permite dizer que é possível existir uma estreita relação entre a linguagem e a sociedade na construção identitária dos indivíduos que a ela pertencem. Alguns estudos pós-estruturalistas analisam a performatividade do ato de sair do armário no momento em que um falante o enuncia. A exemplo, Butler (1997) afirma que o processo de reconstrução identitária por atos de fala não se justifica de maneira solitária - com uma execução singular - pelo contrário, é um processo que envolve reiterações enunciativas, pelas quais os indivíduos passam, de acordo com os diferentes contextos sociais. Dessa forma, esta apresentação se consolida por analisar, sumariamente, a performatividade daqueles que saem do armário, ao levar em conta, contudo, os dispositivos (extra)lingüísticos que (des)favorecem o surgimento de um novo falante na sociedade. Observar-se-á, então, a construção e reconstrução de uma nova identidade: o novo indivíduo falante que sai do armário.